

NASCIMENTO - O PONTO DE VISTA DO BEBÊ

O parto é um momento fundamental, que deixará registros indelévels para o resto da vida do novo ser.

RALPH VIANA

Nascemos não quando saímos da barriga de nossa mãe, mas quando o espermatozóide penetra no óvulo e há a combinação de material genético dos pais. Um novo ser começa a se formar a partir daí.

O feto vai se desenvolvendo envolvido no universo energético afetivo materno, sendo influenciado também por seus sentimentos e vivências, que lhe são passadas direta e indiretamente. Por exemplo, uma experiência forte de medo da mãe inunda de adrenalina a sua corrente sanguínea, chegando até o feto. Outras vias mais sutis também interferem na formação do bebê e são muito importantes. É óbvio que um útero receptivo, cálido, desejante, propicia um meio interno mais favorável que outro, tenso, frio, rígido, que rejeita o que está vivenciando, a gestação. Assim como um terreno é fundamental para o desenvolvimento de uma semente, um útero fértil definirá como será aquele novo ser que ali germina. Muitas “posturas” na vida e mesmo inúmeras patologias têm suas origens nesta fase “interna” da vida.

Pelas características da espécie humana, somos totalmente dependentes de contato e cuidados para sobreviver nos primeiros anos. Até porque, ao sairmos da barriga de nossa mãe uma enorme série de funções corporais ainda não está amadurecida, o que vai acontecendo paulatinamente “aqui fora”. Sob esse aspecto podemos dizer que todos nascemos prematuros.

Existem inumeráveis evidências que as experiências dos primeiros momentos de vida extra-uterina estruturam uma memória corporal, que passa a dar forma e direção a vários funcionamentos do organismo, incluindo o psiquismo. As primeiras vivências da criança – e suas marcas prazerosas ou ameaçadoras – registram-se em seu funcionamento energético e emocional; são “matrizes” a partir das quais as demais experiências irão se sobrepôr.

PARTO PARA PERTO

A palavra Parto, utilizada para designar a nossa saída do corpo materno, é também muito significativa. Parto: partir (ir), partir (quebrar), apartar (afastar). Realmente, o nascimento é um momento crítico como qualquer partida definitiva. Nele passamos de uma condição interna, quente, escura, de sons abafados, em que não precisávamos fazer nada para nos sentirmos saciados, para uma outra, onde a temperatura, os sons, a claridade são radicalmente diferentes, onde respiramos por nosso próprio esforço e sentimos incômodos totalmente novos, como fome, frio, solidão.

Esta passagem é um momento fundamental que deixa registros indelévels em cada um de nós. Se ela vai se constituir num trauma ou não para o bebê vai depender muito das condições em que acontece a experiência. O que provoca os traumas são as transições abruptas, ameaçadoras, estressantes. Portanto, o conceito de “trauma de parto”, identificado pela psicanálise e aprofundado pelas psicoterapias corporais, não acontece necessariamente. Arthur Janov foi sintético: “Só um parto traumático é traumático”. Um parto extremamente doloroso para a mãe será desgastante para o bebê. A dor não é uma experiência intrinsecamente ligada ao parto. Grantley Dick Read, um dos modernos pioneiros do parto natural, tem discutido profundamente o fato de que seria surpreendente se o parto fosse a única função natural ligada organicamente à dor. Na natureza a maioria dos partos são tranquilos e mesmo prazerosos. A mãe que está relaxada e não sofre tensão, consciente ou inconsciente, provavelmente não sentirá dores ou sentirá pouquíssimas.

Experiências traumáticas poderiam ser evitadas se as forças que ajudam o bebê a sair fossem aproveitadas de forma harmoniosa. Uma delas, surpreendentemente, é pouquíssimo utilizada: a força da gravidade. Barbara Yunker escreve sobre esta questão:

“A posição natural para o parto é a mãe agachar-se ou – depois que a civilização criou a obstetrícia – sentar-se num banco próprio para o parto, com as costas apoiadas. A posição atual, colocando a mulher deitada com as pernas elevadas, teve início no século 18, quando os médicos começaram a fazer o parto das mulheres da classe alta. Nesta posição a gravidade atua contra a mãe: o peso do útero pressiona a veia principal da parte inferior do corpo, o que diminui a pressão sanguínea da mãe e pode tornar mais lento o coração do bebê. A artéria principal, que traz oxigênio para o bebê, também é comprimida...”

Norman Casserley acrescenta: “Ficar de costas com as pernas levantadas é a pior posição possível. As principais veias e artérias localizam-se ao longo da espinha e, nessa posição, o peso do bebê, o útero e o líquido amniótico pesam nas costas. A formação de coágulo é freqüente quando a mãe está nesta posição”. Claro que esta forma de nascer, quase um condição cultural e “moderna”, provoca mais tensão e dores na mãe e possíveis traumas no bebê.

Dentro da barriga da mãe o tato é o primeiro sentido que se desenvolve. Crescemos dentro de nossa mãe imersos em sensações táteis, até chegar um ponto em que as costas e o útero parecem fundidos. É um abraço contínuo, que nos estimula e acolhe. Janov sugere que as contrações também têm a função de estimular a pele do bebê, que por sua vez estimula os sistemas corporais que serão necessários após o nascimento.

A saída pela via vaginal, com sua passagem massageante e estimulante, integra sensorialmente o novo ser. É indubitável – e várias pesquisas já o comprovaram – que o nascimento natural propicia posteriormente um nível de sensibilidade corporal e desenvolvimento motor muito mais apurado nas crianças.

MOMENTOS FUNDAMENTAIS

Para os bebês humanos, o período logo a seguir ao parto é uma experiência de vida excepcional e fundamental; é quando a qualidade do contato estabelece vínculos fortíssimos. Dr. Marshal Klaus, no seu livro “*O Vínculo Mãe-Criança*”, resumo de 15 anos de seu trabalho, prova cientificamente que se a mãe e o bebê forem deixados juntos na hora seguinte ao parto, cinco anos mais tarde, por todos os tipos de critérios psicológicos, os bebês estarão muito melhor que os que foram separados.

É fundamental nestes primeiros momentos de vida “cá fora”, que a mãe toque muito, acaricie e massageie seu bebê. Este intenso contato promove a sensação de bem estar, aceitação, segurança, encorajando a expansão e a busca do novo meio ambiente. Isto é vital para o desenvolvimento geral do novo ser, além de ser especialmente importante para o desenvolvimento dos órgãos sensoriais, já que todos são oriundos da pele, ou ectoderme.

O parto, assim, pode não ser mais a despedida amedrontada para o desconhecido e o nunca mais. Mas só uma mudança de estado, para o perto e o agora, onde a própria presença e a do outro está sendo estruturada delicadamente numa nova forma. Nenhuma despedida posterior será necessariamente motivo de pânico. Com a segurança desta presença do outro, internalizada, instaura-se as bases para se viver com tranqüilidade a inegável condição solitária que todos temos dentro de nós.

Por outro lado, a ausência temporária de contato, como se dá no afastamento para o berçário e/ou com o contato com uma ajudante indiferente ou hostil, por exemplo, pode determinar contrações no corpo e o esquivamento do olhar. Afinal, estar bruscamente num lugar totalmente diferente, só, sem todas as sensações que eram familiares, pode ser aterrorizante (mesmo para um adulto!). Isto pode ser atenuado se a situação for apenas temporária. Mas o realmente prejudicial é o

isolamento e a contínua falta de contato com uma mãe fria e incapaz de se dar. O extremo da ausência de contato com a mãe pode produzir até a criança autista, sem dúvida um dos problemas mais graves que pode acontecer a uma pessoa.

Segundo David Boadella, “A criança que nasce está fazendo uma transição entre dois mundos, o amniótico e o terrestre, o mundo fluido “quase sem peso” e o mundo sólido da gravidade. Em sua última aterrissagem, ele era um zigoto microscópico, com uma semana de idade, que se colou à parede do útero. Essa primeira aterrissagem foi uma implantação, um enraizamento. A aterrissagem que ele faz agora envolve um desenraizamento total. O sistema radicular do bebê, a placenta, sua única fonte de alimentação desde aquela primeira semana, está morrendo. A mudança de vida é quase total, tão dramática quando a passagem do oceano para a terra durante a evolução do mundo - que levou milhões de anos para se consumir. O bebê faz essa transição em menos de quinze minutos”.

TRANSIÇÕES

Pelo menos quatro transições distintas estão envolvidas no nascimento e cada transição pode ser vivenciada como uma expansão agradável ou como um choque catastrófico, de acordo com a maneira como o bebê é recebido. Nas palavras de Boadella:

A primeira é a **transição sensorial**. A criança vem de um mundo de escuridão para um mundo de luzes ofuscantes. Deixa um mundo que, se não é silencioso ao menos tem todos os sons diluídos pelo efeito amortecedor da água. Entra num mundo de sons desarmoniosos e ensurdecidores. Frédéric Le Boyer, em seu poema *Birth Without Violence*, enfatiza a importância de luzes difusas e sons abafados para humanizar e sensibilizar as condições nas quais o recém-nascido será recebido, se quisermos evitar um choque desnecessário ao sistema sensorial: os olhos podem sentir-se queimados por uma luz muito intensa, assim como os ouvidos podem sentir-se agredidos por sons excessivos.

O líquido amniótico tem a mesma temperatura do sangue, enquanto uma sala de parto comum provavelmente apresenta uma temperatura em torno de 20° C. A queda de temperatura é, então, de aproximadamente 12° C. Os processos de regulação da temperatura no cérebro são ativados pelo ato do nascimento, mas levam semanas até se tornarem eficientes. O perigo da hipotermia pode ser grande para alguns bebês.

A pele é o maior órgão do corpo e oferece a maior área para a experiência sensorial. Através das primeiras experiências de contato da pele, a criança perceberá o tipo de mundo para o qual entrou: um mundo que a acaricia e a aquece, ou um mundo que lhe dá calafrios. Janov sugere que a sensibilidade à temperatura na vida futura pode depender, parcialmente, dessas primeiras experiências. Le Boyer sugere duas formas para reduzir o choque de temperatura do recém-nascido: colocar a criança com a face voltada para o abdômen da mãe imediatamente após o nascimento; e o uso subsequente de banhos mornos como experiências sensoriais agradáveis.

As vantagens de se colocar o bebê recém-nascido imediatamente em contato com o ventre da mãe são inúmeras. Primeiro, isso pode ser feito antes de o cordão umbilical ser cortado. Segundo, é o lugar mais tranquilo e seguro para o bebê, barriga contra barriga com o corpo que o envolveu por toda a sua vida.

A segunda transição é a **transição circulatória** e o **nascimento da respiração**.

IMPOSSIBILIDADES

Difícilmente eu conseguiria sintetizar tantas informações importantes no espaço de uma coluna. Entre a incompletude e a inconclusão, fico com a segunda. Assim, prometo trazer a segunda parte deste artigo no próximo mês e também oferecer uma ótima bibliografia para todos os interessados.

Um ótimo período para vocês. Até lá.